

ANPV 1. 3364-L

RUA MÁRIO MONTEIRO

Lei nº 1265 de 08-03-1955

Formada pela rua 4 da Vila Presidente Dutra

Início na rua Dr. Pedro Tórtima

Término na Praça dos Viajantes

Vila Presidente Dutra

Vila Teixeira

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal Antonio Mendonça de Barros.

MÁRIO MONTEIRO

Mário Monteiro nasceu em Campinas e aqui faleceu em 28-julho-1945. Era filho de Luiz Monteiro e Ana Monteiro. Foi uma criança predestinada à música. Aos 12 anos compôs para quarteto, piano, violino, violoncelo e flauta e, numa festa do Externato São João, recebendo a batuta do Padre José dos Santos, fez executar, pela primeira vez, de sua autoria, a peça lírica "Ressurreição", em 3 atos, sendo ovacionado e tendo recebido das mãos do bispo D. Nery e do historiador Benedito Octávio, uma corôa de louros. Mário Monteiro iniciou seus estudos com o maestro Azarias Dias de Melo, e aos 7 anos passou a ser aluno da profa. Júlia Cesar Ferreira, e deu seu primeiro concerto de piano no Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas. Aos 14 anos fez uma viagem à Itália, lá estudando sob a orientação do maestro Van colli. Devido a Grande Guerra de 1914 voltou ao Brasil, formando-se no Conservatorio Musical de São Paulo. Dedicou-se ao teatro como pianista. Regeu também várias orquestras em turnês de companhias de opéretas. Mais tarde, vai à Alemanha, estudando nesse país com o maestro Richter, de grande proveito, pois tornou-se notável contrapontista, produzindo nesse setor da arte, verdadeiras obras primas, algumas das quais matizadas de variações indefinidas, como "Catira", "Suite Macabra". Depois de muitas viagens ao interior e exterior do país, já casado, veio para Campinas, onde trabalhou muito, tornando-se maestro e pianista da Rádio Educadora de Campinas - P.R.C.-9. Acredita-se que se não fosse a I Guerra Mundial, Campinas poderia contar com um gênio a mais, ombreando-se a Carlos Gomes na bela arte musical.

**LEI N.º 1265, DE 8 DE MARÇO DE 1955****Dá o nome de "Mário Monteiro" a uma rua da cidade**

A Câmara Municipal decreta e eu, Prefeito do Município de Campinas, promulgo a seguinte Lei:

Artigo 1º — Fica denominada "MÁRIO MONTEIRO" a rua 4 da Vila Presidente Dutra, que tem início na Rua Dr. Pedro Tórtima e termina na praça circular daquele local.

Artigo 2º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 8 de março de 1955.

(a.) — *A. MENDONÇA DE BARROS*, Prefeito Municipal.

Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura Municipal, em 8 de março de 1955.

O Diretor-Substituto (a.) — *Alvaro Ferreira da Costa*.



# Homenagem à memória do compositor Mário Monteiro

"Num momento de incertezas e angústias na vida musical da cidade, nós nos reunimos aqui, para reverenciar a memória do maestro e compositor campineiro", disse o jornalista, Bráulio Mendes Nogueira, ao iniciar a solenidade de domingo último, em nome da comissão constituída para restaurar o túmulo daquele saudoso músico, que tanto engrandeceu o nome de Campinas artística e que estava relegado ao total abandono no cemitério da Saudade, sem ao menos uma placa indicativa. Essa comissão contou com a colaboração dos músicos da antiga Orquestra Sinfônica, do prof. Silvio Bueno Teixeira, do sr. Salvador Caruso e foi constituída, além do orador, pelos sr.s Bruno Jordão Lunardi e Fausto Massaini, este ex-aluno de Mário Monteiro.

Foi uma homenagem simples mas expressiva. O túmulo foi inteiramente restaurado e se encontra na área da Irmandade do Santíssimo, juntamente com os restos mortais do maestro. Acharam-se presentes, entre outras pessoas, d. Eurides F. G. natos, representando a "Magnificat", prof. Beatriz Curcio Carvalho, maestro Luiz de Túllio e varios componentes da antiga Sinfônica, José de Souza, representando a Ordem dos Membros, jornalista João Lanaro, d. Amelia Graziani Monteiro, filha do maestro Mario Monteiro.

Após as palavras iniciais do sr. Bráulio Mendes Nogueira, foi dada a um outro veterano jornalista, nosso colaborador, Julio Mariano, procedeu a leitura de uma magnífica crônica que escreveu neste jornal, justamente no dia do falecimento de Mario Monteiro. A crônica, aliás, reveste-se da atualidade inclusive hoje, pois focaliza o drama de incompreensões e injustiças que sofrem os músicos.

## REINALDO PRESTES

Deixando o túmulo de Mario Monteiro — onde foram depositadas flôres e descerrada a placa com o nome do maestro e compositor, os presentes se dirigiram ao túmulo do saudoso Reinaldo Prestes, "que foi a alma e o coração" da antiga Sinfônica, na expressão de Bruno Lunardi Jordão, que nas suas palavras ressaltou a figura do violinista, falecido repentinamente no ano passado.

## MARIO MONTEIRO

Crônica de JULIO MARIANO, publicada no CORREIO POPULAR de 29 de julho de 1945, sobre a morte do maestro e compositor MARIO MONTEIRO, lida

anteontem, junto ao túmulo (restaurado) do saudoso musicista:

Entre o crepúsculo dourado da manhã e o crepúsculo rosa-violeta da tarde de ontem, fechou os olhos para a vida e foi entregue à sepultura nesta mesma cidade que lhe serviu de berço e lhe embalou os primeiros sonhos — sonhos que talvez lhe fizessem prever um futuro largo de glórias imensas — o Maestro Mário Monteiro. Confesso que não sei que rumor, que emoção, teria provocado em Campinas, cidade que tanto se envaidece de possuir uma tradição artística e cultural, o desaparecimento tão repentino, tão prematuro, desse seu filho artista que contava apenas quarenta e cinco anos de idade. A gente receia de indagar se chegou mesmo a causar emoção na "Princesa D'Oeste" o desaparecimento de Mário Monteiro. As criaturas humanas que costumam disfarçar o que possuem de talento e de gênio com uma existencia demasiado simples, nesta época que se distancia um século do romantico para desculpar os rasgões de uma capa de boêmio, tais criaturas se despedem da vida como as folhas de Outono... tombam aí tão de leve que nem chegam a interromper uma canção de cigarra, e a vida continua para tudo o mais.

No entanto, o que é bem verdade, é que Campinas perdeu ontem o seu maior artista compositor deste século que avança no tempo, e compositor culto, de alta escola. Para traçar-lhe o panegirico com umas tiradas mais ou menos longas de louvores, talvez fosse o bastante o laço de amizade que uma pessoa manteve e durante muito tempo com o incomparável Mário. Mas para dizer de mim, cumpre anotar que além da amizade, mais antiga que essa amizade, é a admiração sincera que tive pelo maestro hoje extinto, desde minha distante meninice, de quando com olhos compridos, assombrados — e por que não dizer também olhos invejosos de garoto? — vi pela vez primeira um menino moreno, de calças curtas, gravata de grande laço por sobre o colarinho largo, o vulto engrandecido por um tamborete, reger, de batuta em punho, uma orquestra de muitos músicos conjuntamente com um coral de dezenas de vozes. O menino maestro, que era o Má-

rio Monteiro, regia então, com desembaraço e segurança, a peça sacra da qual ele próprio fôra o compositor — "Ressurreição" — cujo libreto havia sido escrito pelo nosso historiador e poeta, Benedito Otávio.

Sim. Eu, quando ainda criança, tive ensejo de assistir, no teatro do velho Externato São João, o menino maestro Mário Monteiro reger uma grande orquestra, e logo a seguir receber, como festejado compositor, uma coroa de verde louro, que lhe foi entregue pelas mãos do grande e saudoso Bispo Dom Nery, em meio aos estrondosos aplausos de numerosa plateia, de pé, e sob os olhos de imensa ternura do padre José dos Santos, também maestro!

Há no decorrer da vida acontecimentos dos quais a gente nunca esquece. Eu, contando de mim, jamais esquecerei aquele distante episódio, que fez despojar em mim a admiração que mantive até o presente pelo maestro Mário Monteiro.

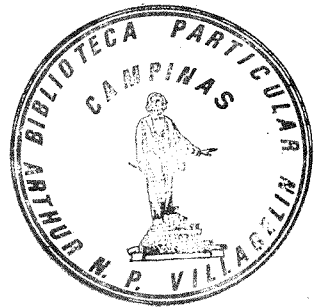
O jovem Mário, porém, não tardou a seguir para a Europa, a estudos. Quando de lá retornou era mais maestro, mais compositor mais perfeito em sua arte. Infelizmente, ao viver dessa mesma arte com um temperamento ardente e derramada sensibilidade se fezera boêmio, de uma boemia à antiga, semelhante a dos heróis de Murger, que inspiraram a famosa ópera de Puccini, ou do mais velho dos Strauss na Austria das valsas. Com o tempo tornou-se um esbanjador de talento, da saúde e da própria vida. Revoltado, por vezes, com o mundo de preconceitos, onde se ajeitavam os tartufos e os médios, o Mário escapulia para o mato. Fazia-se misantropo, esquisito. Isso durante semanas, meses, quase ano. Quando reaparecia, porém, era o mesmo Mário de outrora, alegre, boêmio, esbanjador de talento, imaginando composições que raramente concluiu. Agora, o Mário escapuliu de vez. Não para o mato e sim para o túmulo, onde somente a nossa saudade lhe fará visita, depositando sobre a fria lousa uma flores, que lembram os verdes louros conquistados pelo maestro menino, que o Destino não quis que chegasse a ser tão grande como Carlos Gomes. Reverenciamos a sua memória.



No dia 29 de julho de 1945, entre outras notícias locais, publicava o "Correio" as seguintes:

**CAMPINAS PERDEU O SEU  
MAESTRO MÁRIO MONTEIRO**

Na manhã de ontem, à rua Senador Saraiva n.º 925, faleceu o consagrado maestro e compositor campineiro, Mário Monteiro. O Destino que lhe acenara com os louros e a glória de um verdadeiro sucessor de Carlos Gomes, na "Princesa D'Oeste", quando ele surgira entre nós como menino-prodígio, houve por bem ceifar-lhe a vida inquieta e atabalada de artista boêmio aos 45 anos de idade. Nós que o praticamos como amigo sincero e admirador, fazemos votos de que mãos carinhosas reúnam toda a sua produção num só bloco, a fim de que o músico-compositor que ele se perpetue na memória da gente campineira, com a execução das bonitas partituras que nos legou.



## EFEMERIDES CAMPINEIRAS

J. C. MENDES

28 DE JULHO

1945 — Falece o maestro Mario Monteiro filho de Luiz Monteiro e d. Ana Monteiro. Muito criança ainda manifestou seus bons poderes artísticos apresentando-se como pianista em noites salões. Aos 13 anos musicou a ópera Ressurreição com o libretto de Benedito Otávio Acarajão, obtendo enorme êxito. Seguiu para a Europa em viagem de estudos onde se dedicou em várias disciplinas percorreu ao final, visando a extrair suas atividades como pianista e compositor. Escreveu várias peças de magnífica inspiração como quartetos, valsas de concerto e obras de estilo regional, nas quais deixou patenteada sua invulgar capacidade artística. Deixou ainda mais uma ópera completa em três atos de assunto religioso trabalho que esperava ver encenado em sua terra natal.

RUA MÁRIO MONTEIRO



## MARIO MONTEIRO

Foi Mario Monteiro um valor real, do mundo da arte musical, que Campinas possuiu. Revelou, desde menino, notáveis tendências artísticas, que se aprimoraram cada vez mais, elevando-o a um plano destacado entre os nossos melhores musicistas. Tendo ido à Europa estudar, o que fez com brilhantismo, retornou a Campinas, iniciando sua carreira como maestro, setor em que muito se distinguiu. Foi compositor inspirado. Contam-se em grande número as páginas que deixou. Pouco antes de falecer, Mario Monteiro havia completado uma ópera em três atos, sobre assunto bíblico, peça na qual depositava grandes esperanças. Entretanto, desventuradamente não chegou a ver encenada esta sua obra.

(Extraído da reportagem "Eles Vivem na Saudade e na Veneração de Campinas...", de autoria do jornalista Santos Junior, estampada na edição nº 7356 do jornal "Correio Popular" de Campinas de 02-novembro-1952)



# Maestro Mário Monteiro

Faz 4 anos que faleceu, em Campinas, o musicista conterrâneo Mário Monteiro. Desaparecendo do meio dos vivos, ainda moço, com 40 anos de idade, deixou inúmeras obras musicais além do rastro luminoso de sua capacidade artística.

Formou-se pelo Conservatório de São Paulo com a idade de 16 anos, tendo iniciado seus estudos com o maestro Azarias Dias de Melo, passando depois, aos 7 anos de idade, a ser aluno da professora Dna. Júlia Cesar Ferreira. Demonstrou aí seu pendor pela arte musical, pois pequenino ainda, deu seu primeiro concerto de piano no Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, arrancando do auditório dessa casa de arte os mais vivos aplausos.

Aos 14 anos fez uma viagem à Itália, estudando ali sob a orientação do maestro Vancolli. Devido à guerra de 1914, voltou ao Brasil inesperadamente, formando-se no Conservatório de São Paulo, sendo ele o mais jovem diplomado que por ali passara.

Dedicou-se ao Teatro como pianista. Também regou várias orquestras em turnês de Companhias de Operetas, etc.. Mário Monteiro, que já nascera artista como se costuma dizer, fazia sempre de sua arte eterna brincadeira. E isto lhe trazia, parece, certas facilidades, pois encontrava sempre onde pudesse trabalhar, utilizando-se do seu talento artístico.

Estudioso, embora boêmio, quis aperfeiçoar-se mais ainda na sua brilhante carreira. E veio-lo então na Alemanha, estudando nesse país com o maestro Richeter. Foi de grande proveito o que ali aprendera, de vez que se tornou notável contrapontista, produzindo nesse setor da arte verdadeiras obras primas, algumas das quais matizadas de variações indefinidas, como "Catira", "Suite Macabra", etc.. Com 12 anos compoz para quarteto, piano, violino, violoncelo e flauta, demonstrando mais uma vez sua inteligência precoce.

Depois de muitas viagens ao interior e exterior do país, o Monteiro, já casado, veio para Campinas onde trabalhou muito, tornando-se ainda maestro e pianista da Rádio Educadora - P. R. C. 9.

Quem conheceu de perto Mário Monteiro nunca deixou, com certeza, de se impressionar com a fabulosa facilidade com que compunha suas músicas, fazia seus arranjos orquestrais e dedilhava o teclado do piano. Música alguma constituiria-lhe obstáculo, pois sabia interpretá-la à primeira vista, quer sendo obras clássicas, quer populares.

Esse ardoroso musicista sempre viveu cercado da maior simpatia e admiração de seus colegas, pois além de possuir

todos os segredos da arte musical, conhecendo todos os instrumentos de percussão, de corda e de sopro, era dotado de grande dose de humor, o que o fazia um eterno boêmio.

Bem disse um de seus primos, também músico — Cássio Monteiro — que se não fôsse a primeira guerra mundial, Campinas poderia contar com um gênio a mais, ombreando-se a Carlos Gomes, pois Mário Monteiro possuía todos os



Maestro Mário Monteiro

predicados para vencer, porém, muitos obstáculos se lhe ofereceram pela estrada da vida, como seja essa guerra brutal que, no princípio do século, abalou com sua carnificina quase todos os recantos do mundo civilizado.

Sem vulgarizar-se na cintilação artística, Mário Monteiro atravessou a existência terrena como um cometa que espargisse uma luz singular, cujos reflexos perduram indelévels, atravessando até o presente as dobras inexoráveis do tempo.

(Extraído de fls. 4 da Revista "Palmeiras", de Campinas, nº 86, referente aos meses de julho e agosto de 1949)